



Perfil

O poeta da argila e das cores

No ateliê que se mistura à bela casa em que vive, o artista Guido Totoli não pára de criar, está sempre atento às notícias do dia e mantém um casamento de quase 50 anos

Por Marcella Chartier Fotos: Júlio Santos

Todos os dias ele acorda às sete horas da manhã e sai para caminhar. São quatro quilômetros pelas ruas próximas de casa, segurando um pacote de biscoito para cães, que perde uma unidade cada vez que ele encontra um animal latindo atrás de um portão. "Um dia ainda alguém vai achar que os estou envenenando", ri Guido Totoli, que, mesmo assim, continua distribuindo os agrados. O ceramista, escultor e pintor italiano mora em São Paulo desde o Natal de 1958, como gosta de dizer. Guido teve cinco cachorros, todos enterrados no quintal de casa, como gente. "Tem túmulo, enfeite, cruz", avisa. A paixão pelos animais até impede que ele tenha outro companheiro canino. "A dor da perda não compensa os anos de alegria. Eles viram filhos pra gente".

Não só os cães despertam compaixão no artista que transforma cerâmica em gatos, frutas, flores, pássaros, rostos, deuses, santos (peças com preços que variam de dez a quinze mil reais). Guido não come carne vermelha e nem de aves, e lamenta não conseguir abandonar também a de peixe. "Eu posso te dizer, todos os lugares em que o pessoal mata bicho, não dá nada certo. É com a morte que você está mexendo, com um sentimento tenebroso, uma coisa pavorosa", lamenta.

Aos 70 anos, Guido trabalha o dia todo. Inquieto,

está sempre atento às notícias de todos os jornais, criando, produzindo, sujando as roupas e a casa onde mora (na zona oeste de São Paulo) com tinta colorida ou com a argila que usa para fazer suas peças de arte. "Artistas enxergam outras coisas, é um gênio difícil, viu? O Guido não se preocupa com dinheiro, compra roupa o tempo todo porque trabalha sem avaral...", conta Pietrina, hoje com 68 anos, o amor de Guido desde que os dois tinham 13. "Ele é tão agitado, que, quando um cliente leva a peça errada, é ele que sai correndo atrás, na rua, para consertar o engano", diz a esposa.

Em 1956, ela chegava ao Brasil com o irmão Donato, um alfaiate que emigrou de um povoado próximo de Salerno, no sul da Itália, em busca de trabalho. Guido e Pietrina trocaram cartas até 1958, quando ele também desembarcou por aqui. "A chegada ao porto de Santos foi terrível, porque fazia um calor de derreter tudo, e eu vestia um paletó pesado de inverno", lembra Guido, aos risos. A adaptação não foi difícil, apesar das diferenças do clima, graças ao acolhimento que recebeu dos que encontrou no caminho. "Quase toda semana tinha uma festa de aniversário, comecei a gostar. Depois tive um período, de quatro ou cinco meses, em que tive um pouco de recaída, estava querendo voltar pra Itália. Mas passou. Hoje, não fico um ano sem

passar uns 40 dias por lá, já é suficiente", diz o artista.

Os tempos de festeiro, porém, ficaram para trás. Guido gosta de ficar em casa, trabalhando ao som de música napolitana ou de Maria Bethânia. Aos fins de semana, tem mais tempo e estímulo para criar peças livres das diversas encomendas que recebe diariamente em seu ateliê. "O serviço aqui é assim: 'Me faz dez máscaras, me faz dez pratos', tudo aqui é seriado e, só de pensar nisso, eu fico com o cabelo arrepiado", conta, com os trejeitos exaltados que trouxe de sua terra. O serviço encomendado é, em grande parte, de peças decorativas, como o próprio artista define. Mas ele também pinta e esculpe obras de arte. "De vez em quando, no meio de tudo, surge cada coisa... não porque eu queira, simplesmente acontece", afirma. No tempo livre, além de descansar para permitir que a inspiração chegue, Guido gosta de ler. Na última viagem à Itália, uma parada num sebo lhe rendeu algumas aquisições. Entre elas, *Pinóquio*, o clássico infantil, que releu. O talento de Guido manifestou-se cedo. "A mãe dele me contou que, aos 4 anos, ele pintava com tijolo. Esfarelava e transformava em tinta", conta Pietrina. Ainda criança, Guido fazia desenhos na aula de arte, para toda a classe. "Aprendi até a costurar quando criança, cozinhava, pregava botões... éramos seis irmãos, todos homens. Então aprendi tudo", lembra.

Da publicidade à arte

O ateliê e a casa de Guido se misturam. As peças que ele produz se espalham pelos cômodos. O artista vive no mesmo lugar desde 1961. Antes de se casar, morava numa pensão na Praça Roosevelt, centro da cidade. "Quando me mudei para cá, não tinha nem asfalto na rua. Era vermelha e do outro lado tinha um pantanal cheio de sapos à noite, fazendo aquela música dos sapos, sabe? Eu dormia com aquela música, gostava. Depois o progresso começou a chegar aqui", lembra.

Nos primeiros meses que passou no Brasil, quando ainda morava na pensão no centro de São Paulo, Guido pintava quadros e os vendia a um intermediário que, por sua vez, lucrava na venda a outras pessoas. O dinheiro era pouco, e o artista resolveu produzir peças publicitárias. Era muito trabalho, e Pietrina o ajudava. "Teve uma firma paulista de vinhos que encomendou 4 mil cinzeiros com o emblema deles. Fiz um por um, com as minhas mãos. Eu preparava a massa de noite, e de manhã Pietrina enchia as formas", conta.

A arte ficou para os poucos momentos livres que sobravam. Guido presenteava amigos com essas peças, e um dia teve uma surpresa que o fez mudar de rumo. "Um dia, fui a um leilão de arte e vi uma peça minha sendo leiloadada. Pensei: 'Como? Se eu dei de graça, como estão



A produção de Guido é constante. No segundo andar da parte de trás da casa, um longo corredor tem peças de todos os tipos, a maioria encomendas prestes a serem entregues



Todo o espaço da casa está, também, dominado pela arte de Guido. Acima, o quintal, espaço onde é maior a mistura de trabalho e lazer. Abaixo, a sala de jantar da casa, com a cerâmica colorida de Guido na parede



Guido veio para o Brasil viver com Pietrina, quem namorava desde os seus 13 anos

vendendo essa peça?' Então surgiu a idéia de fazer a mesma coisa, pegar minhas peças e começar a vender. Aí é que foi se formando uma espécie de ateliê", recorda.

Nessa época, Guido conheceu outros artistas italianos que viviam no Brasil, e garante que aprendeu muito com eles. Ottone Zorlini, Massimo Rossi, Fulvio Pennacchi.

Mas Guido também desenvolveu, com o tempo, seu estilo de trabalho. Ao contrário de Pennacchi, por exemplo, que chegava a demorar semanas para terminar um quadro porque não previa o que acrescentaria às obras, Guido não se arrisca a tanto. E termina cada peça que começa. "Todo artista, quando anda na rua, já está pintando. Eu não vejo a paisagem como ela é, mas a cor do branco das casas, as árvores verdes, fico pintando o tempo todo", explica.

Ossos do ofício

A fama não trouxe apenas o prazer de viver fazendo o que mais gosta, mas também tarefas menos agradáveis. Procurado por personalidades da televisão, da política, empresários e pela alta sociedade em geral, Guido precisa, às vezes, de muita paciência para atender aos pedidos. "Estou fazendo uma peça enorme que será usada para servir comida. O negócio trabalhoso. Mas não cobro nada, fiz pro meu cliente", conta. Mas o problema, para Guido, é quando as encomendas não o agradam mesmo. "As piores encomendas que existem são as de xícaras e pires. Ninguém dá valor àquilo. Você leva um tempão para fazer e não passa de um pires ou de uma xícara. É muito cômico isso", reclama, sorrindo.

Em alguns casos, a satisfação de produzir peças encomendadas depende das condições que o cliente define. Imagens de santos, por exemplo, são campeãs de pedidos. Principalmente as de Santo Antônio e de São Francisco. "Quando a pessoa pede e não me diz como fazer, me agrada. Mas quando me traz um modelo para que eu copie, fico louco", lamenta. Mesmo tendo muito material para isso, Guido não gosta de fazer exposições. Só realizou uma no Museu de Arte de São Paulo (Masp) - que tem duas obras do artista em seu acervo permanente: a tela "Paisagem campestre", e a escultura "Anjo com menino Jesus", ambas de 1983 - e uma em Salerno, organizada por uma sobrinha. "Não me sinto preparado, acho que nunca estarei. Artista que se acomoda está perdido", opina. No meio de tanto trabalho, a inspiração ainda influi nos resultados. "Uma coisa te garanto: quando estou feliz, não consigo nada. A mente fica tão ofuscada que você não consegue criar. Existem momentos difíceis na vida que nos fazem ficar mais acanhados. Aí que vem um sentimento ruim que nos faz refletir. A felicidade não é própria para a criação".



Algumas das figuras mais encomendadas pelos clientes de Guido são os deuses e santos

A receita de Guido

Apesar do trabalho da equipe de seis pessoas que passam o dia no ateliê de Guido, todas as etapas de produção das peças - desde a preparação da massa, a modelagem, a queimação e a esmaltação final - têm as mãos do artista. A argila é comprada pronta, sólida ou líquida, branca ou vermelha. Adicionando a ela óxido de ferro, as cores se alteram. Ainda assim, a maior parte das peças é pintada depois de formalmente definidas. Guido usa cores puras, não gosta de misturá-las com o branco. Depois de pronta e seca a pintura, a peça vai para o forno. "É a primeira queima, chamada biscoito", ensina o artista. Feita em seguida a esmaltação, a peça volta para o forno novamente. "Pennacchi era famoso por colocar suas peças no forno dezenas de vezes. Ele era detalhista, as dourava... e o brilho é dado pelo esmalte, depois da queima". Algumas peças de Guido têm fissuras que as deixam parecer cobertas por uma teia. Para dar esse efeito, ele joga água sobre elas quando as



retira do forno e ainda estão numa temperatura de 300 graus. O esmalte trinca e um pigmento entra nos pequenos vãos que se formam.

As cores puras que o artista usa para dar vida às suas peças